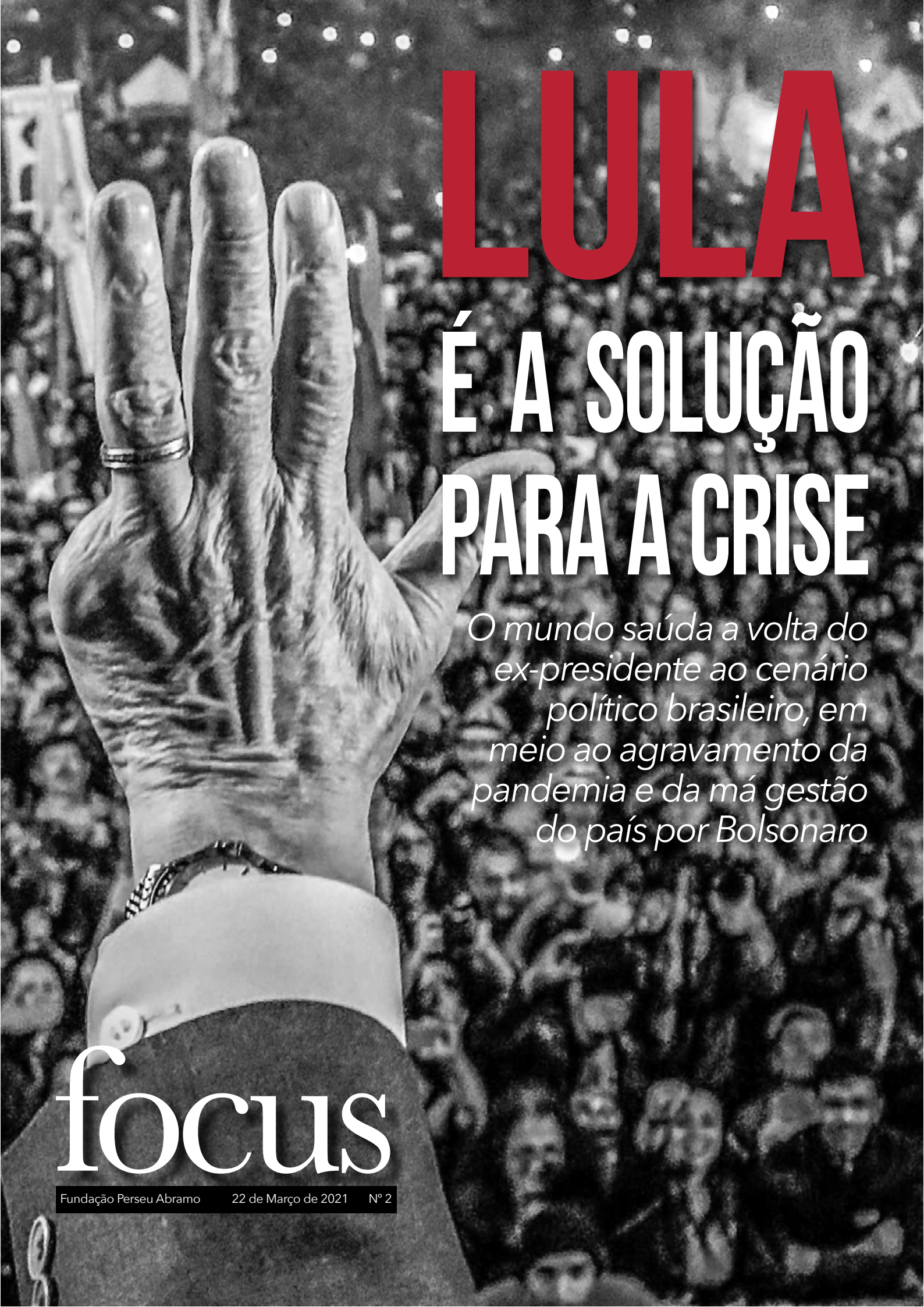




LULA

É A SOLUÇÃO PARA A CRISE

*O mundo saúda a volta do
ex-presidente ao cenário
político brasileiro, em
meio ao agravamento da
pandemia e da má gestão
do país por Bolsonaro*

focus



focus

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: David Silva Junior

Produção: Oficina da Notícia

Editor Responsável: Olímpio Cruz Neto



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Aloizio Mercadante

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e

Jéssica Italoema

Diretores: Alberto Cantalice,
Artur Henrique da Silva Santos,
Carlos Henrique Árabe,
Lindbergh Farias, Márcio Jardim
e Valter Pomar.

CONSELHO CURADOR

Presidenta de honra: Dilma Rousseff
Presidente: Fernando Haddad
Conselheiros: Arlete Sampaio,
Camila Vieira dos Santos, Celso Amorim,
Dilson Peixoto, Elói Pietá,
Flávio Jorge Rodrigues, Gleber Naime,
Helena Abramo, Iole Ilíada,
José Roberto Paludo, Juliana Cardoso,
Lais Abramo, Luiz Dulci,
Maria Celeste de Souza da Silva,
Maria Selma Moraes da Rocha,
Nabil Bonduki, Nalu Faria,
Nilma Lino Gomes, Nilmário Miranda,
Paulo Gabriel Soledade Nacif,
Penildon Silva Filho,
Sandra Maria Sales Fagundes,
Teresa Campello e Valmir Assunção.

CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Telefone: (11) 5571-4299

Fax: (11) 5573-3338

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234

Vila Mariana

São Paulo (SP)

CEP 04117-091

O PAÍS TEM SAÍDA PARA A CRISE

COLAPSO. O Brasil ultrapassa a marca de 3 mil mortes diárias, enquanto o governo troca de ministro

VACINA. Fórum de Governadores compra 37 milhões de doses da Sputnik V direto na Rússia

ESTADISTA. Na CNN, Lula pede ao americano Joe Biden reunião do G20 para tratar da vacinação

NO JOGO. Chefes de Estado e líderes políticos no mundo celebram Justiça feita ao ex-presidente

IMPACTO. O legado de Sérgio Moro? Lava Jato destruiu 4,4 milhões de empregos no país

PEC 186. Tereza Campello denuncia uso da emergência para destruição do Estado

POLÍTICA FISCAL. Nelson Barbosa diz que Congresso errou ao aprovar novo aperto



EDITORIAL

BOLSONARO É UMA AMEAÇA MUNDIAL. E LULA É A SOLUÇÃO

Aloizio Mercadante *

A decisão do ministro Fachin de anular as absurdas condenações de Lula teve substancial e positiva repercussão no mundo. Importantes jornais do planeta, como *New York Times*, *The Guardian*, *Le Monde*, *El País*, *Clarín* e outros destacaram a anulação das sentenças e a saudaram de forma muito positiva. Tal reação não é gratuita.

Lula não é apenas a maior liderança popular que o Brasil produziu. É a única grande liderança mundial que nosso país formou. Na América Latina, empenhou-se no fortalecimento do Mercosul e investiu na integração regional, o que resultou na criação da Unasul e da Celac. No plano global, foi decisivo na criação do G20 e do BRICS.

Lula foi ainda fundamental na luta contra a fome no planeta e na constituição dos Objetivos do Milênio da ONU. Com ele, a luta contra a pobreza e a desigualdade ganhou centralidade na agenda internacional. Com ele, o Brasil teve forte protagonismo internacional e afirmação de sua soberania.

Em sentido oposto, Bolsonaro conduz uma política externa subalterna ideológica e politicamente à extrema-direita norte-americana, que isola, envergonha e apequena o país.

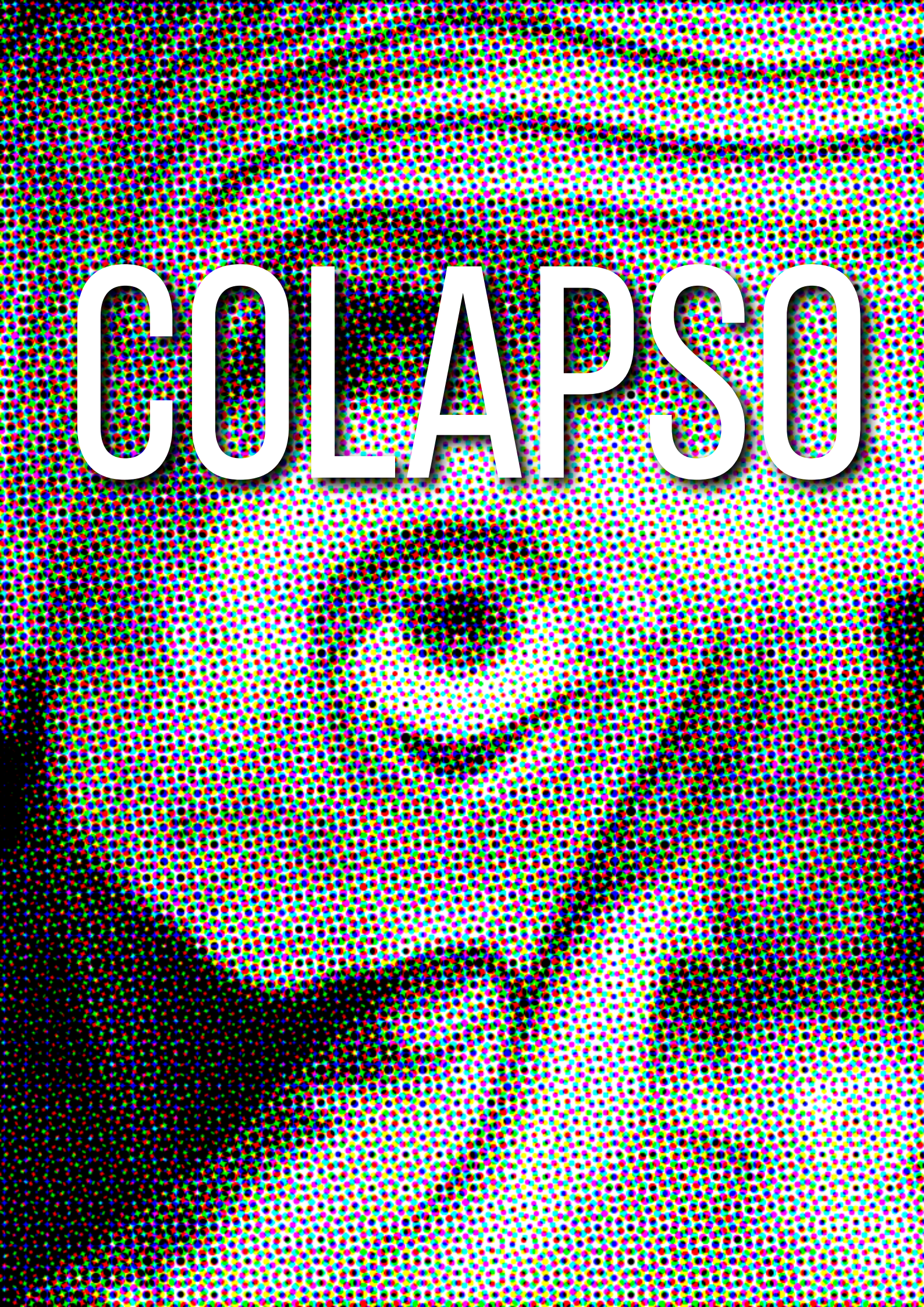
Com suas ações contra o meio ambiente, os direitos humanos e a democracia, Bolsonaro já havia tornado o Brasil pária planetário. Agora, com o total descontrole da pandemia no país, transformou-se em ameaça global.

Esse descontrole está promovendo a aceleração de contaminação por Covid 19, colapsando os sistemas de saúde e atingindo patamar dramático de óbitos. Este gravíssimo cenário, coloca o Brasil na vergonhosa posição de pior país do planeta no combate à Covid-19.

Assim, nossa população, desamparada por políticas públicas, enfrenta cotidianamente o dilema da fome ou da exposição a contaminação com o risco de morte. Junto com a comunidade internacional, cada vez mais preocupada com o agravamento da pandemia no Brasil, quer se desfazer do capitão necrófilo e abraçar – de novo – o humanismo de Lula.

Contra a morte, vida. Contra Bolsonaro, Lula.

* Ex-ministro e presidente da Fundação Perseu Abramo.



COLAPSO

Brasil mergulha no precipício, prestes a atingir a marca de 3 mil mortes diárias, enquanto Bolsonaro troca o ministro da Saúde. Nada parece fazê-lo mudar de conduta e livrar-se do negacionismo. “É a maior crise sanitária da história do país”, diz a Fiocruz. O mundo se assusta com o destino do gigante da América Latina

O agravamento da pandemia no Brasil ganhou contornos dramáticos nos últimos dias, com a piora progressiva das condições de enfrentamento do surto de Covid-19. Enquanto o presidente Jair Bolsonaro se mantém indiferente à crise sanitária, 26 estados entraram em colapso, com mais de 80% dos leitos de UTI ocupados. O resultado é a elevação das taxas de óbitos. Em apenas uma semana, o país ultrapassou a marca de 2 mil para 3 mil mortes por dia.

Em boletim extraordinário divulgado na terça-feira, 16, a Fiocruz traz nova análise a respeito do estágio da pandemia de covid-19 no país. E, segundo a avaliação de pesquisadores da instituição, o país passa hoje por uma “situação gravíssima”, confi-

gurando o maior colapso sanitário e hospitalar de sua história.

A Fiocruz destaca que, entre as capitais brasileiras, 25 das 27 estão com taxas de ocupação de

leitos de UTI covid-19 para adultos iguais ou superiores à marca de 80%. Destas, 19 estão acima de 90%. A instituição chama a atenção para a necessidade de serem tomadas iniciativas como de prevenção e controle, como o maior rigor nas medidas de restrição às atividades não essenciais e a ampliação de medidas de distanciamento físico e social, além do uso de máscaras em larga escala e um ritmo mais acelerado de vacinação.

No mesmo dia, o presidente anunciou a troca no comando do Ministério da Saúde. Sai o General Eduardo Pazuello e entra o médico cardiologista Marcelo Queiroga. A troca chegou a trazer esperanças nos atores políticos de que o governo iria mudar os rumos na condução da crise sanitária. As expectativas, contudo, acabaram se

**O EX-MINISTRO
ARTHUR CHIORO
ALERTA: “SEM
MUDANÇAS,
CHEGAREMOS A
500 MIL MORTOS
ATÉ JULHO”**

desfazendo em menos de 24 horas. No primeiro dia de trabalho, Queiroga declarou à imprensa que seu trabalho é de continuidade e não se preocupou em sinalizar com mudanças na gestão da crise.

Ex-ministro da Saúde no governo Dilma Rousseff, o médico sanitariano Arthur Chioro, que integra o Núcleo de Acompanhamento de Políticas Públicas da Saúde (Napp-Saúde), ligado à Fundação Perseu Abramo, alerta: "Chegaremos a 500 mil mortos em julho". Para Chioro, a gestão da Covid-19 no Brasil é uma "incompetência" que "tem nome e sobrenome: Jair Bolsonaro". Ele diz que o Brasil lidera as estatísticas em número de casos. "Nos transformamos no epicentro da preocupação das entidades sanitárias pela situação de descontrole que vivemos", afirmou, citando os alertas da Organização Mundial da Saúde.

O adiamento da possibilidade de adoção de um programa radical de isolamento social – a decretação de um lockdown rigoroso por algumas semanas – está agravando a crise. Bolsonaro descartou qualquer possibilidade de uma medida de restrição da circulação das pessoas. Em manifestação a apoiadores, na porta do Alvorada, ele decla-



NADA MUDOU. O médico Marcelo Queiroga e o General Pazuello. "A política é do governo Bolsonaro, a política não é do ministro da Saúde. O ministro da Saúde executa a política do governo", disse o novo titular

rou que estava feliz pelos protestos recentes nas ruas e redes sociais daqueles contrários ao lockdown. "Eles mostram que as pessoas estão vivas. Queremos nossa liberdade, queremos que o mundo respeite nossa Constituição", disse.

O mundo político está perplexo. Sem um plano de coordenação nacional para viabilizar um amplo confinamento da população brasileira, a crise sanitária irá se agravar, resultando na perda amarga de 4 mil vidas por dia. O alerta foi dado na quinta-feira, 18, pelo governador do Piauí, representante do Fórum de Gover-

nadores, Wellington Dias.

A advertência chega um dia depois de o Brasil superar a média móvel de 2 mil mortes diárias – foram 2.978 mortes – e passar das 285 mil vidas perdidas. Também foi registrado recorde de novos casos, que chegaram a 90,8 mil infecções em apenas um dia.

Todos os estados e o Distrito Federal, com exceção de Roraima e do Rio de Janeiro, estão com as redes de saúde em colapso. Para Wellington Dias, a fim de viabilizar uma saída para a crise e estancar o surto, Bolsonaro precisa sair do negacionismo e mudar radicalmente a atuação



ALERTA VERMELHO. Ex-ministro da Saúde e médico sanitariano, Arthur Chioro responsabiliza diretamente o presidente pelo agravamento da crise. "A gestão da Covid-19 no Brasil é uma incompetência que tem nome e sobrenome: Jair Bolsonaro"

do governo diante da pandemia do novo coronavírus.

“Os estados brasileiros estão adotando essas medidas até domingo – alguns terão medidas ainda depois”, explicou o governador. “Agora, falta o governo federal. Seriam importantes medidas em relação a aeroportos, portos, ferrovias, ao próprio serviço público federal, que definisse o que são serviços essenciais para que tivéssemos medida mais uniformes do Brasil inteiro”, ressaltou.

A Fiocruz chama a atenção para a necessidade de serem tomadas iniciativas de prevenção e controle. “Ainda que alguns governadores e prefeitos venham realizando esforços no sentido da abertura de leitos de UTI para o atendimento de pacientes com Covid-19, os limites da estratégia frente ao crescimento de casos são postos em xeque ao se constatar a estabilidade da maior parte dos estados e do Distrito Federal em níveis muito elevados de taxas de ocupação dos leitos de UTI Covid-19, assim como o crescimento verificado em outros estados na última semana”, alerta o boletim da organização.

A gravidade da situação brasileira, uma ameaça mundial ao combate à pandemia, está no centro das preocupações da Organização Mundial da Saúde (OMS). Há meses a organização vem manifestando a importância do controle sanitário para a segurança do Brasil, de países vizinhos e mesmo de outros continentes. Há duas semanas, o diretor da OMS Tedros Adhanom Ghebreyesus, pediu rigor ao governo brasileiro na gestão da crise. “Se o Brasil não levar a sério, então continuará afetando todos os vizinhos, e além”, afirmou. Não se trata apenas do Brasil. É sobre toda a América Latina e o mundo”, constatou Ghebreyesus.

Agência PT

Foto: Michael Mello



COMPRA DIRETA. “Acordo é fruto de meses de negociações pelo Consórcio Nordeste para trazer mais vacinas para o país”, diz Wellington Dias.

FÓRUM DE GOVERNADORES GARANTE 37 MILHÕES DE DOSES DA SPUTNIK V

O Fórum de Governadores do Nordeste fechou contrato de compra que irá garantir 37 milhões de doses da vacina russa Sputnik V ao Brasil. O anúncio foi feito na quarta-feira, 17, pelo governador do Piauí e representante do Fórum, Wellington Dias. O primeiro lote, com 2 milhões de doses, será entregue em abril. O cronograma estabelece ainda o repasse de imunizantes em maio (5 milhões), junho (10 milhões) e julho (20 milhões).

“Celebro aqui o contrato com o Fundo Soberano Russo para aquisição de vacinas Sputnik V para o Piauí e para o Brasil”, comemorou o governador. “Fruto de meses de negociações pelo Consórcio Nordeste para trazer mais vacinas para o nosso país. É pelos nordestinos e pelos brasileiros”, afirmou Dias.

O petista ressaltou que as vacinas serão distribuídas entre os estados de modo proporcional, segundo diretrizes do Programa Nacional de Imunização. O governador cobrou do novo ministro da Saúde um documento detalhando os termos da negociação da pasta com os estados. As negociações

começaram em agosto, quando o Consórcio do Nordeste, diante da negligência do governo Bolsonaro na aquisição de vacinas, decidiu não esperar pelo Ministério da Saúde e iniciar as conversas com o Fundo Soberano da Rússia.

Com a vacinação da população brasileira caminhando a passos de tartaruga e a popularidade de Bolsonaro escorregando pelos dedos, o Ministério da Saúde decidiu agora fazer o que falhou em um ano de pandemia. Nesta semana, a pasta anunciou que vai obter 560 milhões de imunizantes até o fim do ano.

Estudo da Rede de Pesquisa Solidária, que reúne pesquisadores de universidades, aponta falhas, imprevistos e ausência de metas no plano de vacinação de Bolsonaro. Segundo Nota Técnica 28, “o baixo suprimento de vacinas, conjugado com a ausência de metas e critérios inadequados de priorização, estabeleceram um padrão de imprevistos e pulverização da distribuição de doses, transferindo para gestores locais e serviços de saúde a decisão sobre quem e quando vacinar”.



NA CNN, O ESTADISTA COBRA AJUDA: “É PRECISO CONVOCAR O G-20 PARA GARANTIR VACINA A TODOS”

Ex-presidente pede a Joe Biden que reúna os líderes mundiais em torno de um plano de acesso universal a imunizantes. Na entrevista à Cristiana Amanpour, ele afirma que prioridade é salvar o país

A desigualdade do acesso mundial às vacinas contra a Covid-19 está no centro das preocupações do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Em entrevista à CNN americana, Lula anunciou que pediu ajuda ao presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, para que convoque o G-20 – o grupo das 20 maiores Nações do mundo – para debater um plano que permita o acesso de todos os países aos imunizantes produzidos no planeta. “A prioridade é salvar o país”, disse.

E cobrou ajuda da comunidade internacional. “Uma sugestão que gostaria de fazer ao presidente Biden no seu programa é que é muito importante convocar uma reunião do G20 com urgência”, declarou Lula. “É importante chamar as principais lideranças do mundo e colocar em volta da mesa uma só coisa, uma questão: Vacina, vacina e vacina”.

A entrevista concedida à jornalista americana Christiane Amanpour, Lula citou como exemplo as vacinas excedentes em poder do governo dos Estados Unidos, que poderiam ser distribuídas aos países pobres.

Ele chamou a atenção para a enorme responsabilidade dos líderes mundiais e disse que faz o pedido ao presidente americano porque não acredita na capacidade do governo brasileiro, liderado por Jair Bolsonaro. Além disso, não poderia apelar para Donald Trump. “Mas Biden é um alento para a democracia no mundo”, justificou o ex-presidente.

Lula lembrou da desastrosa atuação de Bolsonaro na pandemia – “muitas mortes

poderiam ter sido evitadas” – e condenou a falta de vacinas no país. A CNN recuperou trechos do histórico discurso de Lula na semana passada, em São Bernardo do Campo, quando ele aconselhou a população “não seguir qualquer decisão imbecil do presidente e do ministro da Saúde”.

O ex-presidente do Brasil reiterou que o foco agora não é discutir as eleições de 2022, mas sim ajudar o Brasil a sair da profunda crise em que se encontra. “Quando chegar o momento de concorrer às eleições, e se meu partido e os demais partidos aliados entenderem que eu posso ser o candidato, e se estiver bem, com saúde e a energia que tenho hoje, não vou negar o convite, mas não quero falar sobre isso”, ressaltou. “Essa não é a minha principal prioridade. Minha prioridade agora é salvar este país”.

O Brasil atravessa neste momento o pior momento da pandemia, com as capitais e demais cidades brasileiras mergulhadas na mais grave crise sanitária. O Brasil tem registrado recordes diários de casos e de mortes por Covid-19. Já são mais de 11,6 milhões de pessoas contaminadas pelo novo coronavírus e ao menos 282 mil mortes causadas pela doença no país desde o início da pandemia.

Na terça-feira, 16, a Fundação Oswaldo Cruz, do Ministério da Saúde, classificou a atual emergência no país como “o maior colapso sanitário e hospitalar da história do Brasil”.

“Se tivéssemos um presidente que respeitasse a população, ele teria criado um comitê de crise para orientar a sociedade brasileira sobre o que fazer a cada semana”, acrescentou o ex-presidente.

‘TIME’ ESPECULA O QUE ACONTECE COM VOLTA DE LULA

Por Ian Bremmer *

Jair Bolsonaro não é mais o único político importante no Brasil concorrendo à Presidência. Em uma decisão surpresa, um juiz do Supremo Tribunal derrubou duas condenações de corrupção contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, mais conhecido como Lula, abrindo a porta para ele disputar as eleições presidenciais de 2022. Como em todas as coisas da política brasileira, é complicado.

Ex-líder sindical, Lula foi presidente do Brasil de 2003 a 2010, um momento particularmente bom para governar o país devido ao *boom* global de *commodities* em curso. Lula canalizou os lucros econômicos do Brasil para programas públicos e de bem-estar generosos, conquistando um contingente leal do eleitorado brasileiro no processo.

Ele também se tornou uma espécie de garoto-propaganda da “nova” esquerda latino-americana. Quando Lula deixou o cargo, foi substituído por Dilma Rousseff... Mas então a economia parou e as extensas investigações da “Lava Jato” começaram a desenterrar a corrupção da classe política do Brasil. Lula foi arrastado pela Lava Jato e Dilma Rousseff foi acusada de truques contábeis para alavancar a economia.

A presidenta foi afastada e Lula acabou sendo condenado por corrupção. Essas acusações impediram o ainda popular Lula de concorrer às eleições de 2018. Originalmente, os advogados de Lula queriam que as acusações contra ele fossem retiradas porque acusavam o juiz Sergio Moro – que viria a se tornar ministro da Justiça de Bolsonaro – por preconceito e conluio.

Esta é uma acusação séria e que ameaça desvendar muitos dos casos relacionados com Lava Jato aos quais Moro tinha conexões. O ex-juiz enfrenta agora suas próprias alegações de conluio.

* Colunista de relações exteriores e editor geral da ‘Time’, é o presidente do Eurasia Group, consultoria de risco político.

NO LE MONDE.

**“APELO A MACRON: CHAME
O G20. LIGUE PARA JOE
BIDEN, XI JINPING,
VLADIMIR PUTIN E O RESTO!
ESTAMOS EM GUERRA”**

Ao jornal francês *Le Monde*, Lula não descarta candidatura em 2022 contra o líder da extrema-direita, mas sua preocupação é com o presente trágico do Brasil. “Bolsonaro é tão ignorante! Ele acredita que, ao se recusar a admitir a gravidade da pandemia, a economia vai se recuperar novamente. A única cura é vacinar o povo”

por Nicolas Bourcier e Bruno Meyerfeld | Le Monde

O cabelo ficou branco, a barba também. Mas a energia extraordinária ainda está lá. O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, 75, concedeu ao Le Monde uma entrevista, por videoconferência, dez dias após a anulação de suas condenações. O líder da esquerda brasileira fala de sua casa, localizada em São Bernardo do Campo, nos subúrbios de São Paulo, ali, justamente, onde começou sua carreira política, como dirigente sindical, durante as grandes greves operárias de Lula, dos anos 1970, que recuperou seus direitos políticos, está determinando a derrotar Jair Bolsonaro nas eleições de 2022 e agora está considerando seriamente uma candidatura presidencial.

Você vai concorrer às eleições presidenciais de 2022 contra Jair Bolsonaro?

Lula | É difícil hoje dar uma resposta simples sim ou não. A decisão do juiz Edson Fachin no início de março provou minha inocência, certamente com cinco anos de atraso. Por anos 210 milhões de brasileiros foram enganados, forçados a acreditar nas mentiras do juiz Sergio Moro e dos promotores "Lava Jato", que se comportaram como verdadeiros gangsters. A verdade está hoje sobre a mesa, público. Isso é tudo que eu queria.

Então, você está me perguntando se eu vou ser um candidato em 2022? Sinceramente, não sei! Eu tenho 75 anos. Em 2022, na época das eleições, terei 77. Se eu ainda estiver em grande forma, e for estabelecido um consenso entre os partidos progressistas deste país para que eu seja candidato, bem, não verei nenhum problema para estar! Mas eu já fui candidato, já fui presidente e cumpri dois mandatos. Também posso apoiar



“NUNCA VI MEU POVO SOFRER COMO HOJE. PESSOAS MORRENDO NOS PORTÕES DOS HOSPITAIS, A FOME VOLTOU. E, DIANTE DISSO, TEMOS UM PRESIDENTE QUE PREFERE COMPRAR ARMAS DE FOGO AO INVÉS DE LIVROS E VACINAS. O BRASIL É CHEFIADO POR UM GENOCIDA”

alguém em boa posição para vencer. O mais importante é não deixar Jair Bolsonaro governar mais este país.

Como você vê a situação do país hoje?

Comecei na política nos anos 1970 e nunca vi meu povo sofrer como hoje. Pessoas morrendo nos portões dos hospitais, a fome voltou. E, diante disso, temos um presidente que prefere comprar armas de fogo ao invés de livros e vacinas. O Brasil é chefiado por um presidente genocida. É realmente muito triste.

O que o povo quer é o que o Partido dos Trabalhadores lhes ofereceu no passado muito recente: um salário, um emprego, vacinas, educação, crescimento. Acho que é possível reconstruir um país mais humano. Quando eu estava no poder, o Brasil tinha 4,5% de desemprego, um salário mínimo que aumentava a cada ano. Éramos uma espécie de queridinhos, a sexta potência mundial. Eu brin-

quei com meus colegas franceses e ingleses, dizendo-lhes: "Em breve, nós os ultrapassaremos e ameaçaremos a Alemanha!" Tudo isso para dizer que o povo brasileiro merece coisa melhor que o atual governo.

O PT perdeu 28% das prefeituras nas últimas eleições municipais e o "anti-treinador" continua muito virulento no país. Como você avalia o estado do seu "treinamento"?

O que vai acontecer com o PT é o que aconteceu com o Paris Saint-Germain! No ano passado, todos deram a ele o vencedor da Champions League e, finalmente, o clube perdeu. Mas este ano, ele pode vencer (mesmo que o Bayern seja muito bom)! A política é a mesma: ganhamos um golpe, perdemos um golpe! E não é porque perdemos uma eleição que desaparecemos por tudo isso. Com você, François Mitterrand governou por quatorze anos. Durante seu

mandato, ele perdeu eleições. A esquerda desapareceu por tudo isso? Claro que não. O PT é o partido com as melhores raízes na sociedade brasileira. Continua a ser uma força política preponderante.

Você vai fazer uma aliança com os outros partidos de esquerda, ou mesmo o centro e a direita?

Companheiro, sou uma pessoa coerente! O PT, nas eleições presidenciais, sempre obtém pelo menos 30% dos votos no primeiro turno. Mas a maioria é de 50%, mais um voto! Então, obviamente, se o PT quer vencer, tem que se aliar. Lembro que venci em 2002, escolhi o José Alencar para vice-presidente. Um líder empresarial trabalhador e honesto de um partido de centro-direita, que foi o melhor vice-presidente que este planeta já conheceu!

O PT conseguiu, portanto, formar alianças no passado e vai fazê-lo no futuro. Mas aqui reafirmo algo: sempre governei para todos os brasileiros. Já governei até mesmo para banqueiros e líderes empresariais. Mas minha prioridade sempre serão os mais pobres, os trabalhadores, os habitantes das periferias. Quem conseguir mais atenção e recursos comigo, será o mais necessário. Porque o dever do PT é permitir a ascensão social dessa população e acabar com as desigualdades, em um país marcado por 350 anos de escravidão.

Mais de dez anos após sua saída do poder, a esquerda brasileira não parece ter produzido novos líderes de sua estatura. Por quê?

Mais uma vez farei uma comparação com o futebol! Quanto tempo levou para a França produzir um Kylian Mbappé ou um Zidane? Muito tempo, não é! Política é a mesma coisa. Demorou pelo menos um século para que as esquerdas europeias produzissem um François Mitterrand ou um

Willy Brandt. É longo! Mas lembro que o PT tem várias figuras importantes, que podem muito bem ser candidatas às eleições presidenciais. Este partido é produtor de talentos, desde a ex-presidente Dilma Rousseff ao ex-prefeito de São Paulo Fernando Haddad.

Você tem 75 anos e ficou muito tempo isolado em casa no ano passado. Como você se sente física e psicologicamente?

Quando saí da prisão federal, minha primeira viagem foi a Roma, uma entrevista com o Papa Francisco para falar sobre uma campanha que lancei para combater as desigualdades no mundo. Em

“O PT CONSEGUIU FORMAR ALIANÇAS NO PASSADO E VAI FAZÊ-LO NO FUTURO. REAFIRMO: SEMPRE GOVERNEI PARA TODOS”

seguida, vi representantes da sociedade civil e os líderes com os quais tive contato. Acho que não é possível ver pessoas acumulando milhões de dólares quando há centenas de milhões de pessoas que dormem sem ter o suficiente para comer. Durante esta pandemia, o desemprego e a fome aumentaram. Não é tolerável.

De volta ao Brasil, no dia 12 de março, a pandemia já estava lá. Eu estava confinado em minha casa. Ocorreu-me que

o país já havia se tornado o epicentro da epidemia. O que podemos dizer com 3.000 mortes por dia?

É responsabilidade do nosso governo. Vou, portanto, pegar o meu e me dedicar ao gerenciamento desta crise. Então tomei uma dose da vacina. Em quatorze dias terei um novo. Desde então, passo meus dias em reuniões em frente à Internet de manhã à noite.

Nesta semana, o Brasil ultrapassou 280 mil mortos. Se você fosse o chefe de estado, o que teria feito?

Quando eu era presidente, houve a crise da gripe H1N1. Em três meses, vacinamos 83 milhões de pessoas. O Brasil, com seu sistema de saúde único, era um país com expertise e know-how na área de imunização. Com a chegada de [Michel] Temer e Bolsonaro, nosso sistema, que foi saudado por todo o mundo, foi destruído.

Com o surgimento da Covid-19, um presidente que tivesse a noção do que significa governar teria criado um comitê de crise. Ele teria chamado o ministro da Saúde e os melhores cientistas do país. Esse comitê se reunia uma vez por semana e divulgava as informações para a sociedade brasileira. Ele escolheria as medidas a serem tomadas para todos.

O que nosso governo fez? A primeira coisa que disse foi que não acreditava na doença. Bolsonaro disse que era uma “gripe-zinha” e que, sendo militar, não pegaria. Ele inventou a história da cloroquina. Ele comprou milhões de doses de Donald Trump. Ele estava errado como uma criança que vai comprar chupeta pode estar errada. Ele desperdiçou milhões comprando este produto Covid-19 ineficaz. Hoje, ele continua a dizer que usar máscara é um sinal de covardia e covardia.

Bolsonaro é tão ignorante! Ele acredita que, ao se recusar a ad-

mitir a gravidade da pandemia, a economia vai se recuperar novamente. A única cura é vacinar o povo brasileiro.

E em outro lugar?

Desde o início da pandemia, nem o G20 nem o G8 se encontraram para falar sobre o assunto. É urgente! Apelo ao Presidente Emmanuel Macron: chame o G20. Ligue para Joe Biden, Xi Jinping, Vladimir Putin e o resto! Estamos em guerra, é a terceira guerra mundial e o inimigo é muito perigoso! A vacina não deveria ser um produto de mercado como é hoje, mas se tornar um bem comum da humanidade.

Em sua última entrevista para a mídia brasileira, você mencionou a pandemia e a economia. Por que tão pouco no meio ambiente?

Hoje, a primeira preocupação é o Covid-19. Lembro, porém, que quando chegamos ao poder, em 2003, o desmatamento na Amazônia atingiu 27 mil km² (por ano). Baixamos esse número para 4.000 km². Conseguimos reduzir os gases de efeito estufa em 69%. Criamos 114 zonas de preservação ambiental, um instituto nacional de observação espacial, o INPE, para controle de desmatamento e queimadas. Bolsonaro acabou com este instituto porque não queria diminuir os incêndios...

Estou ciente do que está acontecendo na Amazônia. Lembrem que tivemos a ministra Marina Silva e o [geógrafo] Carlos Minc, pessoas envolvidas em todas as questões ambientais.

Porém, você validou a barragem de Belo Monte, pela qual tem sido muito criticado. Você tomaria a mesma decisão hoje?

Decidimos fazer esta barragem porque somos para a energia hidrelétrica, a energia mais limpa do mundo. Aqui, 80% da energia do

Brasil é limpa. Belo Monte é uma barragem a fio de água, ou seja, uma fábrica que não necessita de armazenamento de água. Antes da construção, conversamos com os índios, os pastores, os padres, os trabalhadores rurais, os moradores... Pedimos a opinião de todos.

Não foi uma decisão inequívoca do estado. Nunca no Brasil tomamos tantos cuidados com um canteiro de obras.

O cantor Chico Buarque explica que uma "cultura do ódio" se espalhou pelo Brasil. Você mesmo é o objeto de uma raiva feroz. Como vive isso?

O ódio não é brasileiro. Se existe um povo amoroso e humanista neste planeta, é o povo brasileiro. Mas essas pessoas foram bombardeadas nos últimos anos com discurso de ódio e fanatismo que negou a política. Antes, se encontrássemos um adversário político do Brasil em um restaurante, apertaríamos sua mão. Hoje, corremos o risco de levar um tiro! Temos que desmontar tudo isso. A democracia é exatamente o oposto: é civilidade, maturidade.

Este país precisa de paz, não de armas. É necessário porque 20% a 25% da população é tomada por esse fanatismo. Mas as pessoas precisam de empregos, livros, investimentos em cultura. É isso que temos que recuperar no Brasil. E o povo sabe que existe um partido que é capaz de fazer isso: é o PT.

Você recebe muitas ameaças de morte. Você tem medo por sua vida?

Não, eu não estou com medo. Meu único medo é trair o povo brasileiro.



O MUNDO OUVU. Lula na capa do *Le Monde* de sábado, 20 de março. "Pronto para enfrentar Bolsonaro"

Você está preocupado com os procedimentos legais que ainda estão por vir?

Estou muito confiante, tranquilo. Tenho certeza que hoje, o juiz Moro e o procurador [Deltan] Dallagnol [magistrado coordenador da operação "Lava Jato"] não têm um percentual da paz que me habita. Eles são os culpados e sabem que sou inocente. Eu dizia isso na prisão: a verdade vai vencer e está vencendo.

O que você prevê nas próximas semanas?

Eu adoraria viajar pelo Brasil e pelo mundo. Gosto de política, a real, do contato físico com as pessoas. Sabe, gosto de abraçar as pessoas, passar a mão em suas cabeças, sentir aquela química com elas. Mas, por enquanto, você tem que ficar em casa. O vírus está circulando ativamente, a prioridade não é transmiti-lo. A prioridade é a vacinação e o combate à epidemia.

SOLIDARIEDADE A LULA
CORRE O PLANETA:
“VÍTIMA DO LAWFARE”

O mundo saúda decisão do STF. Nos EUA, Bernie Sanders exalta: "Vitória da democracia e da Justiça"

Os presidentes Alberto Fernández, da Argentina, e Andrés Manuel López Obrador, do México, celebram

Na Europa, Martin Schulz, ex-presidente do Parlamento da UE, também comenta: "Lula tem o meu apoio"

Personalidades de peso, movimentos sociais e partidos políticos comemoraram a decisão monocrática proferida em 8 de março pelo ministro do Supremo Tribunal Federal, Luiz Edson Fachin, relator da Lava Jato. Ele anulou as condenações a Lula. Os presidentes Alberto Fernández, da Argentina, e Andrés Manuel López Obrador, do México, saudaram a decisão. "As condenações foram anuladas. Elas foram ditadas com o fim de persegui-lo e eliminá-lo da carreira política. A Justiça foi feita!", disse Fernández.

"É importante libertar o ex-presidente Lula da culpa, porque de acordo com as informações que tenho, a Justiça decidiu que ele não tinha responsabilidade. Ele enfrentou uma campanha contra si e todo o movimento que representa", disse López Obrador. Da Venezuela, o presidente Nicolás Maduro mandou mensagem celebrando a posição do STF. "Caiu pela força da verdade, da justiça e da luta, a escandalosa e gigantesca fraude legal contra ti", escreveu, em carta endereçada a Lula.

"O mundo testemunhou a integridade com que suportaste a prisão injusta, a constância com que se desenrolou a batalha pela tua libertação, a tua dedicação

ao serviço do povo ao longo desta luta", destacou Maduro, celebrando a anulação das condenações do ex-presidente brasileiro na Lava Jato. Ele afirmou que o petista pode contar com ele e com o povo venezuelano para vencer o neoliberalismo.

O presidente de Cuba, Miguel Díaz-Canel Bermúdez, também parabenizou o ex-presidente brasileiro. "Celebramos a decisão que beneficia Lula. A medida chega para confirmar quantos excessos e abusos se cometem contra a esquerda latino-americana. Estamos alertas", escreveu no Twitter. Ex-presidente do Equador, Rafael Correa tratou de exaltar a "força da verdade". "Oligarquia

latino-americana, imprensa e juízes corruptos: Entendem que nunca poderão contra a força da verdade e a integridade?", questionou. Em seguida, saudou: "Viva Lula! Viva o Brasil! Viva a Pátria Grande! Até a vitória, sempre".

Dos Estados Unidos, o senador democrata Bernie Sanders também reagiu efusivamente à decisão. "Lula fez um trabalho incrível para diminuir a pobreza no Brasil e defender os trabalhadores. É uma ótima notícia que sua condenação, altamente suspeita, foi anulada. Esta é uma importante vitória da democracia e da justiça no Brasil", celebrou.

**MIGUEL DÍAZ-
CANEL BERMÚDEZ,
RAFAEL CORREIA E
NICOLÁS MADURO
COMEMORARAM
A DECISÃO DO
SUPREMO TRIBUNAL**



Alberto Fernández, presidente da Argentina, que está ao lado de Lula e Dilma desde o início da campanha Lula Livre, celebrou: “As condenações foram ditadas com o fim de perseguí-lo e eliminá-lo da carreira política. A Justiça foi feita!”

No Chile, senadores e deputados da oposição, bem como ex-embaixadores chilenos no Brasil, estiveram reunidos para expressar solidariedade a Lula. O endosso já havia sido tornado público em 2018 por meio de uma carta – assinada por mais de 30 figuras da política do Chile – questionando a Justiça brasileira.

Nos jardins do Congresso Nacional, o presidente do Partido Socialista, Álvaro Elizalde, a ex-ministra da Educação Adriana Delpiano e o economista Carlos Ominami usaram da palavra em uma demonstração de apoio público ao ex-presidente do Brasil. “Lula estava fora da disputa e Bolsonaro foi eleito. Até hoje o Brasil sofre as consequências, dentre as quais vale destacar, sem dúvida, o péssimo manejo da pandemia”, disse Elizalde.

“O processo vivido por Lula não cumpria nenhuma das garantias que correspondem a

uma democracia. Pelo contrário, foi um processo com fins políticos, concretamente, privando-o da liberdade de cidadão e impedindo-o de se candidatar, visto que todas as pesquisas indicavam que era ele quem tinha

O PROCESSO VIVIDO POR LULA NÃO CUMPRIA NENHUMA DAS GARANTIAS QUE CORRESPONDEM A UMA DEMOCRACIA

maior apoio”, afirmou o presidente do PS chileno.

Da Bolívia, o ex-presidente Evo Morales também comemorou a decisão da Suprema Corte do Brasil. “Por fim, a justiça foi feita ao irmão Lula, vítima de cruel perseguição e lawfare por parte da direita com fins políticos”, disse, em texto distribuído nas redes sociais. “O Supremo Tribunal do Brasil anulou as sentenças que pesavam contra ele e, assim, restaurou-lhe seus direitos políticos. Grande alegria na Pátria Grande”, declarou.

Da Colômbia, o ex-presidente Ernesto Samper também disse que a decisão da Justiça brasileira é um sinal importante. “A anulação dos processos pendentes contra o ex-presidente Lula fecha um vergonhoso capítulo de politização da Justiça (lawfare) no Brasil que se replica em outros países da região contra outros líderes progressistas”, disse.

O prêmio Nobel da Paz Adolfo Pérez Esquivel também se solidarizou: "Bravo querido Lula pelo seu compromisso inabalável com a verdade, a Justiça e a democracia. O povo irmão do Brasil merece respeito e poder escolher um candidato com essa integridade", declarou o escritor argentino, um dos principais ativistas dos direitos humanos na América Latina.

Na Alemanha, o ex-presidente do Parlamento Europeu Martin Schulz se manifestou publicamente em apoio a Lula: "Há dois anos conheci o ex-presidente brasileiro Lula em Curitiba - em sua cela de prisão. O Supremo Tribunal Federal deu-lhe ontem de volta todos os seus direitos políticos e ele deve concorrer nas eleições de 2022! Ele tem o meu apoio".

Na França, dois dos mais importantes líderes políticos do

país comemoraram a decisão da Justiça brasileira que beneficia o ex-presidente. A prefeita de Paris, Anne Hidalgo, de quem Lula recebeu o título de cidadão honorário de Paris, no começo de 2020, e o líder da França Insubmissa, Jean-Luc Mélenchon, também celebraram.

"Muito feliz! Justiça feita para Lula", saudou a prefeita da capital francesa. Mélenchon também utilizou as redes sociais para comemorar a decisão. "Após cinco anos de perseguição, todos os processos contra Lula foram anulados! Lula está livre. O 'juiz' Moro e sua gangue repudiados. O judiciário brasileiro se recusa a fazer trabalho sujo", saudou. Ao todo, foram mais de 50 manifestações de solidariedade ao redor do mundo. **Comitê Internacional Lula Livre**

Foto: Drew Angerer - Bloomberg



"É uma ótima notícia que a condenação de Lula, altamente suspeita, tenha sido anulada. Esta é uma importante vitória da democracia e da Justiça no Brasil"

BERNIE SANDERS,
SENADOR DEMOCRATA E EX-
CANDIDATO A PRESIDENTE
DOS ESTADOS UNIDOS

EUROPA RECONHECE A FORÇA POLÍTICA DO EX-PRESIDENTE

O ex-primeiro-ministro da Itália Enrico Letta, que já havia manifestado publicamente seu apoio a Lula, também celebrou a decisão do ministro do STF. Luiz Edson Fachin. "Anuladas na Corte Suprema as condenações de Lula. Feliz por ele, feliz pelo Brasil", escreveu o ex-premiê, que em 2018 se uniu a outros cinco ex-líderes de países da União Europeia para escrever uma carta cobrando que o brasileiro participasse das eleições.

Da Espanha, o líder do Podemos, Pablo Iglesias, ressaltou as implicações políticas da perseguição a Lula. "O lawfare contra Lula, para impedi-lo de ser candidato e abrir caminho

para a extrema-direita, exemplifica o novo modus operandi das grandes potências", disse. "No final das contas, não deu em nada, mas hoje manda Bolsonaro no Brasil. Agora é para ganhar, Lula. Punho levantado", saudou. O Podemos faz parte da coalizão do governo do premiê Pedro Sanchez, do PSOE, tradicional partido de centro-esquerda que governa hoje a Espanha.

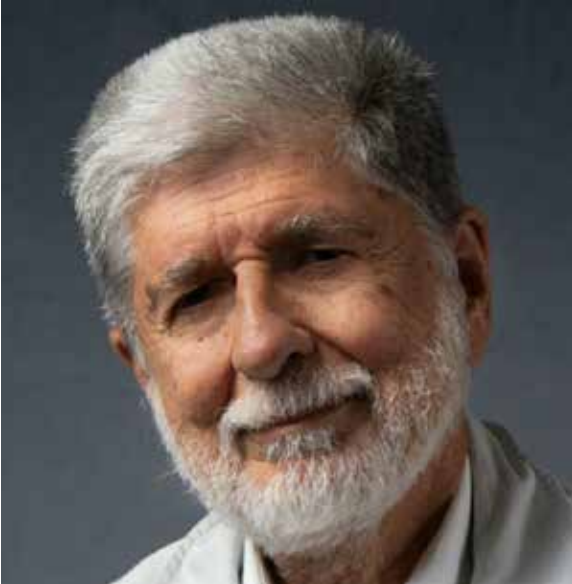
Já a deputada portuguesa Joana Mortágua indicou que a prisão de Lula faz parte do ataque contra as instituições. "A anatomia completa do golpe contra a democracia no Brasil está por conhecer, mas é certo que passou pela decisão política de prender Lula. Passo a passo, essa injustiça vai sendo denunciada e corrigida", disse a deputada do Bloco de Esquerda.

Foto: Divulgação



"A anulação dos processos pendentes contra o ex-presidente Lula fecha um vergonhoso capítulo de politização da Justiça (lawfare) no Brasil que se replica em outros países da região contra outros líderes progressistas"

ERNESTO SAMPER,
EX-PRESIDENTE DA
COLÔMBIA E EX-SECRETÁRIO-
GERAL DA UNASUR



CELSE AMORIM: "LULA FALA PARA O MUNDO"

Ele mundo o ouve, atento. Uma voz com a autoridade de quem fala por centenas de milhões, com o espírito de solidariedade, sem egoísmo e falso nacionalismo. Pela vida e pela democracia. Só Nelson Mandela, em tempos recentes, tinha essa capacidade. Lula livre não é importante só para o Brasil, mas para os pobres e desvalidos de todo o planeta.

IMPRESCINDÍVEL NA LUTA DOS POVOS

Lula é o grande protagonista da política brasileira, encarnando a voz de milhões de pessoas que alcançaram a cidadania em governos do PT, mas que nos últimos anos perderam direitos e foram lançados à fome, à miséria ou à precarização do trabalho e da vida.

Essa luta brasileira se entrelaça com a luta dos povos por um mundo mais justo, mais inclusivo, com respeito pelo multilateralismo e na busca pela paz. É também a luta por um mundo sustentável ecologicamente e no qual a tecnologia sirva para incluir as pessoas e promover a cidadania, e não para excluir e explorar, fundamentais para superar a crise sanitária.

Lula continua inserido e atuante nesse debate internacional e será, também, um protagonista por um mundo diferente, ao lado de todas as forças progressistas e inclusivas do planeta.

Romênio Pereira, Secretário de Relações internacionais do PT

APOIO A LULA NO CHILE TEVE CARTA EM 2018

Na segunda-feira passada, senadores e deputados da oposição chilena, além de diplomatas, se reuniram para expressar solidariedade ao ex-presidente do Brasil. O endosso já havia se tornado público em 2018 por meio de uma carta - assinada por mais de 30 figuras políticas do Chile - em que questionaram a Justiça brasileira.

Na carta de 2018, assinaram personalidades como a deputada comunista Carmen Hertz, o senador socialista Carlos Montes, os senadores Guido Girardi e Sergio Bitar do PPD, entre outros. "Estamos aqui para reivindicar a denúncia que fizemos na época

ca (...) porque o tempo nos deu razão. Não se pode sequestrar a democracia e impedir que as pessoas se expressem nas urnas", acrescentou.

Carlos Ominami disse que a anulação das sentenças a Lula pode ser o início de uma recuperação positiva da verdade e da decência na política latino-americana. "A anulação de todos os processos devolve a ele a possibilidade de ser candidato à Presidência em 2022", disse. "Saúdamos esse fato e estamos felizes que na primeira pesquisa de opinião, [Lula] tenha um apoio até agora excede ao Bolsonaro", disse o economista.

"O contraste entre Lula e Bolsonaro dá esperança em toda a região. Há um novo cenário que pode devolver um espaço ao valor da cultura e da ciência, aos direitos humanos e à centralidade das necessidades das pessoas", acrescentou.

O ex-ministro Delpiano lembrou que a carta de 2018 foi assinada por "homens e mulheres intimados pelas injustiças que estavam sendo cometidas em um momento que parecia difícil".

"Mas a convicção de que poderia estar ocorrendo um grave ato de corrupção no Brasil foi muito significativa e importante", justificou Delpiano.



Fotos: Divulgação

HADDAD: "O QUE ESTÁ EM JOGO É O DESTINO DA NOSSA DEMOCRACIA"

"O que está em jogo no STF não é o destino de um homem, mas o destino da nossa democracia. Trata-se do recado que as instituições pretendem dar às novas gerações de brasileiros. Se querem que a juventude sonhe e lute por um país melhor e mais justo ou querem que formemos um legião de homens e mulheres atemorizados por praticar aquilo que é mais essencial da espécie humana: a imaginação. Lula imaginou um Brasil novo e, em grande medida, realizou parte dos seus sonhos que se confundiram com o sonho de milhões. Não! Não se está julgando uma ação que, sob todos os aspectos jurídicos, não se sustenta. O STF dirá ao país se vale ou não a pena lutar. Quais os custos dessa luta. Se podemos ou não confiar nas regras do jogo. Se nossa honra, reputação e integridade estarão salvas guardadas por mais que pensemos diferente, desde que respeitados os direitos dos demais a exporem e defenderem suas ideias. Não é de Lula que se trata. É do Brasil. Enquanto comunidade, enquanto sociedade, enquanto país, enquanto Nação. Que os magistrados tenham consciência desse momento histórico!"

CHOMSKY: "FIM À TORTURA QUE O BRASIL TEM SUPORTADO"

O linguista, filósofo e ativista político estadunidense Noam Chomsky escreveu carta a Lula para comemorar a decisão do STF. Na carta, ele diz que a anulação das condenações o "reconhecimento pelo tribunal de que seu julgamento e condenação foram uma fraude total. Uma reivindicação verdadeira, uma homenagem à sua coragem e persistência na luta pela Justiça - não pela primeira vez, ou temos certeza, pela última".

Ele destaca a importância de o país retomar a democracia, manchada pelo Golpe de 2016, que tirou Dilma Rousseff da Presidência, e pela prisão de Lula, que o impediu de disputar o cargo de presidente. "E, por fim, há esperança real de um fim à tortura que o Brasil tem suportado nos últimos anos e um retorno ao caminho em direção ao futuro brilhante que os brasileiros merecem e podem alcançar", disse. Chomsky assinou a carta junto com a mulher, Valéria.





LUZ NAS TREVAS

Lula é um líder autêntico, gerado na luta incansável pelo povo do Brasil

por Gleisi Hoffmann

Não há dúvida de que Lula é a maior liderança popular da história do Brasil.

Mesmo após quase uma década de perseguição e do lawfare que se constituiu no maior escândalo judicial da história, segundo o *The New York Times*, Lula mantém sua capacidade de liderança.

Ao contrário de muitos pseudo líderes, construídos artificialmente pela mídia e o poder econômico, Lula é um líder autêntico, gerado na luta incansável pelo povo do Brasil.

Lula tem uma conexão direta com a alma da população. Quando ele fala, fala o povo.

Por isso, bastou ele ser desinterditado legalmente que voltou à cena nacional com força. Lula acendeu uma luz de esperança e humanidade nas trevas bolsonarianas. Deu norte a um país sem rumo.

Mas Lula não é apenas um líder nacional. Lula é também uma liderança internacional.

Lula teve papel fundamental em colocar a luta contra a fome, a pobreza e a desigualdade como ponto central da agenda mundial.

Ele se bateu pelos pobres do

mundo inteiro, não apenas pelos pobres do Brasil.

Lula foi fundamental para a constituição dos BRICS e contribuiu para a ampliação do G8 para G20, tornando a ordem mundial mais multipolar e democrática. Na crise de 2009, ele teve atuação decisiva para definir uma agenda internacional de enfrentamento à recessão.

Por isso, quando ele fala, não fala apenas o povo do Brasil, falam também os pobres e os excluídos do mundo. Falam todos os que não têm voz e vez.

Quando Lula fala, o mundo escuta.

Agora, essa voz volta a se elevar para definir, como em 2009, uma agenda mundial de enfrentamento à crise da pandemia.

Lula se mobiliza para que o G20 se reúna para enfrentar a profunda desigualdade na produção e distribuição das vacinas, único meio para extinguir a pandemia.

A situação é muito grave. Os grandes laboratórios privados oligopolizam a produção das vacinas, impõem preços extorsivos e os países mais ricos compram a maior parte dessa produção, deixando países em desenvolvimento entregues ao vírus mortal.

Há excesso de encomendas de vacinas nos países ricos. Os EUA encomendaram 4,2 doses per capita, a UE 4,8 e o Reino Unido 6,1.

É preciso que essa distribuição seja equitativa, pois a pandemia não será controlada, se não for combatida no planeta inteiro. Também é preciso que a vacinação seja priorizada em áreas de descontrole, como o Brasil.

Lula tem capacidade para liderar essa luta mundial pela vida.

Ele acendeu uma luz de esperança e humanidade nas trevas da pandemia.

Deputada federal, é a presidenta do Partidos dos Trabalhadores

EX-PRESIDENTE PODE RECONQUISTAR O BRASIL

“O reconhecimento que Lula recebeu da esquerda e da direita nos últimos dias pode ser atribuído à sua capacidade de vender uma mensagem conciliatória”, opina o professor Andre Pagliarini, em artigo no jornal *The Guardian*

por Andre Pagliarini | *The Guardian*

Na quarta-feira, 10 de março, o ex-presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva fez um discurso de retorno empolgante na sede do Sindicato dos Metalúrgicos em São Bernardo do Campo, um centro industrial na região metropolitana de São Paulo de onde Lula emergiu como uma figura nacional nos anos 70. No dia anterior, em uma reviravolta chocante que surpreendeu até mesmo aqueles que estavam convencidos de sua inocência, um juiz do Supremo Tribunal anulou as condenações criminais contra Lula, tornando-o elegível para um terceiro mandato no ano que vem.

A decisão a favor de Lula teria sido uma grande história, mesmo se sua popularidade tivesse diminuído desde que deixou o cargo em 2011. Mas as pesquisas recentes mostram que ele continua surpreendentemente forte eleitoralmente, à frente do titular da extrema direita, Jair Bolsonaro, que venceu as eleições de 2018.

Outras pesquisas apontam para uma disputa mais acirrada, o que ainda é notável visto que Lula nem começou a fazer campanha. Ele também liderou as pesquisas há três anos, mas foi impedido de concorrer por um infame juiz que ingressou no governo Bolsonaro.

EM 2002, LULA
PROMETEU
ALTERNATIVA
SOCIAL-
DEMOCRATA
PLAUSÍVEL ÀS
PRIVAÇÕES DO
NEOLIBERALISMO

Por sua vez, Bolsonaro, capitão aposentado do Exército que serviu sem distinção no Congresso por 27 anos, presidiu uma catástrofe absoluta. Se a maior nação da América Latina já foi tida como modelo para saber como equilibrar o crescimento econômico com a redução dramática da pobreza, sua liderança atual parece perfeitamente satisfeita em ser um pária global – o ministro das Relações Exteriores literalmente disse isso em outubro.

Desde o modo como lida com o meio ambiente e a pandemia, para citar algumas questões importantes, Bolsonaro se mostrou imune à razão. Por isso, Lula parecia tão decidido a reafirmar a primazia dos fatos no discurso político de seu país em seu discurso na semana passada. “É sempre importante reiterar sempre que possível”, declarou. “O planeta é redondo... e Bolsonaro não sabe disso”. Lula descreveu todas as medidas que teria tomado se estivesse no cargo quando a pandemia o atingiu, cada uma mais sensata que a ou-

tra. E Bolsonaro continua a minimizar o vírus, mesmo enquanto observadores internacionais temem que o Brasil se torne um centro de disseminação de novas variantes.

Embora não esteja claro se Lula vai realmente concorrer novamente no ano que vem, o simples fato de que ele pode mudar o cenário político do Brasil. Tanto o atual presidente da Câmara, eleito para sua posição de influência com o apoio de Bolsonaro, quanto o anterior, uma figura de centro-direita cujo partido sugeriu que poderia endossar Bolsonaro em 2022, sinalizou uma abertura para a reabilitação de Lula.

Esta é uma reversão impressionante em relação a apenas três anos atrás, quando a sociedade brasileira se viu nas garras de uma onda reacionária que responsabilizava os progressistas por todos os males sociais – reais ou imaginários.

O reconhecimento que Lula recebeu da esquerda e da direita nos últimos dias pode ser atribuído à sua capacidade de vender uma mensagem conciliatória, enraizada não no confronto ideológico, mas na recuperação dos valores republicanos básicos que Bolsonaro abertamente desdenha.

Um obstáculo flagrante permanece no caminho caso Lula volte a assumir a Presidência: as forças do mercado internacional. Conforme noticiado na Bloomberg, a renovada elegibilidade política de Lula “fez com que as ações e a moeda despencassem, aprofundando alguns dos piores desempenhos deste ano”.

Em outro lugar, os investidores disseram à Reuters que “a perspectiva de Bolsonaro concorrer contra Lula coloca dois candidatos ‘populistas’ um contra o outro, esvaziando o centro, que é mais fértil para as reformas econômicas de que o Brasil precisa desesperadamente”.

Em meio ao aperto de mão

dos observadores mais sintonizados com os desejos estreitos dos investidores privados, vale a pena lembrar as diferenças óbvias entre o titular e o candidato a desafiante que, sem sucesso, concorreu à Presidência três vezes antes de finalmente alcançá-la em 2002.

Sob o Partido dos Trabalhadores de Lula, o governo federal brasileiro implementou uma enxurrada de políticas federais inovadoras que transformaram a vida de milhões de brasileiros. A pobreza despencou, enquanto o número de graduados aumentou.

Bolsonaro, por sua vez, lamenta sua incapacidade de fazer qualquer coisa, ansiando pelos dias de regime militar. Ele demonstra uma

O RETORNO DE LULA À CENA TAMBÉM DEIXOU A CENTRO-DIREITA EM DESORDEM

atitude irreverente em relação ao bem-estar de qualquer pessoa que não seja parente de sangue. O fato de ele ter conquistado a Presidência em 2018 é uma prova não do apelo de sua agenda, mas da erosão da civilidade básica no Brasil.

Essa é a comparação a ter em mente à medida que as manchetes aparecerem nos próximos meses – e com certeza farão – alertando os investidores para a agenda econômica supostamente preocupante de Lula e seu partido, o mesmo “bando horrível” que uma vez levantou 28 milhões de pessoas saíram da pobreza.

Também houve algumas reclamações de militares aposentados sobre a impropriedade de Lula

ser elegível para um cargo público. Para seu grande crédito, no entanto, o vice-presidente Hamilton Mourão, um general aposentado, jogou água fria em qualquer conversa sobre conspiração, dizendo que as pessoas têm todo o direito de votar no ex-presidente.

É altamente improvável que uma trágica história de intervenção militar se repita. O retorno de Lula à cena também deixou a centro-direita em desordem. Por exemplo, João Doria, um ex-empresário que cavalgou ao lado de Bolsonaro até chegar ao cargo de governador de São Paulo em 2018, anunciou que pode não disputar a Presidência, reconhecendo o perigo de dividir o voto da direita. A ação de Doria é uma admissão tácita da capacidade do ex-presidente de atrair o amplo centro da política brasileira.

Como em 2002, quando Lula prometeu uma alternativa social-democrata plausível às privações do neoliberalismo, seu momento pode novamente se provar impecável. Há um ciclo de feedback a seu favor – os números das pesquisas indicam que Lula se sai melhor contra o Bolsonaro entre figuras da oposição, fortalecendo assim sua posição como líder da oposição e levando a números mais altos nas pesquisas à medida que outros eleitores anti-Bolsonaro acorrem ao seu lado.

Percebendo esse ímpeto, até mesmo figuras de centro-direita notaram a capacidade de Lula de construir pontes, uma crítica à incapacidade de Bolsonaro de fazê-lo. Talvez seja um sinal de que o establishment que antes apostou no Bolsonaro para manter o Partido dos Trabalhadores de Lula acuado em 2018 esteja chegando, aos trancos, à conclusão de que não vale mais a pena levar o país à beira do colapso.

Professor de história e estudos latino-americanos no Dartmouth College, na Universidade em Hanover, em New Hampshire (EUA).

LAVA JATO DESTRUIU 4,4 MILHÕES DE EMPREGOS NO BRASIL

Estudo da CUT e DIEESE mostra que a força-tarefa de Curitiba, sob a batuta de Sérgio Moro e Deltan Dallagnol, derrubou R\$ 172,2 bilhões em investimentos na economia brasileira. Outros R\$ 47,4 bilhões deixaram de ser arrecadados em impostos no país

Um total de 4,4 milhões de empregos perdidos, 1,1 milhão deles somente no setor da construção civil e a perda de R\$ 172,2 bi que deixaram de ser investidos na economia brasileira, além de R\$ 47,4 bi em impostos que deixaram de ser arrecadados no país.

Esses foram alguns dos vários impactos negativos provocados pelas ações da Operação Lava Jato durante o período de 2014 a 2017, quando teria sido registrado uma redução de 3,6% do Produto Interno Bruto (PIB), conforme o estudo “Implicações econômicas intersetoriais da operação Lava Jato” elaborado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), feito a pedido da CUT, apresentado na terça-feira, 16.

Durante a apresentação do estudo, o presidente da CUT, Sérgio Nobre, reafirmou a importância

do estudo feito pelo Dieese para que toda a verdade em torno da Operação Lava Jato e os impactos destrutivos provocados por ela ao país sejam levados ao conhecimento do povo brasileiro.

“Foi um trabalho de alta complexidade, que mostra os impactos que a operação causou nos empregos e na economia brasileira, com a exposição total das marcas de grandes empresas

**“SE A LAVA JATO
NÃO TIVESSE
EXISTIDO, NÃO
TERÍAMOS OS
14 MILHÕES DE
DESEMPREGADOS”**

nacionais. Desde o início dessa operação, nós já dizíamos que empresas não cometem crimes, pessoas sim. E são elas que têm que ser investigadas e punidas. Não as empresas. A Lava Jato expôs essas grandes construtoras nacionais e a Petrobras, que ficou marcada como um símbolo de corrupção”, afirmou.

“Seguramente, se a Lava Jato não tivesse existido, com o papel que teve, se tivesse preservado as empresas e não tivesse perseguição política, não teríamos os 14 milhões de desempregados, gente que não sabe como vai ser o dia de amanhã. Não teríamos milhares de pequenas empresas fechando a crise que se agrava a cada dia mais”, disse Nobre.

Pelo estudo, o prejuízo de R\$ 172,2 bilhões em investimentos que deixaram de ser feitos é quase 40 vezes mais que os valores que a Lava Jato afirma ter devolvido aos cofres públicos durante



Foto: Divulgação

LEGADO DE MORO. Destruição no mercado de trabalho foi tão extensa que atingiu até categorias fora das cadeias produtivas mais atingidas, como a educação privada, com 106,5 mil vagas perdidas

as investigações. E, em consequência dos R\$ 172,2 bilhões de investimentos a menos na economia, os cofres públicos deixaram de arrecadar R\$ 47,4 bilhões em impostos, sendo R\$ 20,3 bilhões em contribuições sobre a folha de salários. A perda em relação à massa salarial foi de R\$ 85,8 bilhões.

O Dieese executou um trabalho de pesquisa "obra a obra" junto ao Tribunal de Contas da União (TCU) para apurar o impacto sofrido pelas obras que foram paralisadas em todo o país que estavam a cargo das principais

construtoras nacionais atingidas pela sanha destruidora dos integrantes da força tarefa que criminalizou as empresas ao invés de responsabilizarem apenas executivos e funcionários.

Isso também causou o desmonte da área de engenharia no país, seja tecnológica, de produção ou de execução, o que fez com que o país tivesse um enorme prejuízo em matéria de desenvolvimento em tecnologia, onde sempre foi referência mundial no setor. A paralisação dessas grandes obras ainda provocou a perda de muitos recursos públicos.

A destruição no mercado de trabalho foi tão extensa que atingiu até categorias de setores fora das cadeias produtivas mais atingidas (construção e petróleo), como a educação privada, com 106,5 mil vagas perdidas, segundo estimativas.

O estudo minucioso realizado pelo Dieese comprova também o terrível impacto da operação na Petrobras, o maior alvo das investigações, que sofreu um imenso processo de desconstrução, o que prejudicou de forma irreparável a imagem e o potencial de investimentos da maior empresa estatal brasileira. A Petrobras que vivia um período de grande expectativa de desenvolvimento após a descoberta do pré-sal e com isso a previsão de grandes investimentos na produção de petróleo e era a principal peça no desenvolvimento estratégico do Brasil.

De acordo com o coordenador-técnico do Dieese, Fausto Júnior, as consequências provocadas pelo Lava Jato levaram a Petrobras a mudar a sua própria lógica de gestão e a empresa passou a priorizar mais os interesses dos acionistas em detrimento dos interesses do país. A estatal diminuiu até mesmo a produção de gasolina. Após a Lava Jato, a empresa teria deixado de investir mais de R\$ 100 bilhões que já estavam programados em seu cronograma de obras e serviços.

Para Fausto Júnior, não fossem os impactos negativos provocados pela Lava Jato, a recessão verificada nos anos de 2015 e 2016 poderiam ter sido atenuadas com um aumento em torno de 1% do PIB e nos dois anos seguintes o país poderia ter crescido ainda mais além. Para ele, os impactos da operação na economia são muito fortes, mas são muito mais profundos ainda na sociedade brasileira. **Agência PT**

RELATOR NÃO TEM PODERES ABSOLUTOS

Fachin não poderia levar caso de Lula ao pleno do STF. “Interpretar a lei não é como estar um rio em que se pode escolher a margem para acampar”

por Lênio Luiz Streck e Marco Aurélio de Carvalho



Foto: Rosinei Coutinho/STF

Há dias, até de forma surpreendente por que tardia, o ministro Édson Fachin anulou, monocraticamente, os processos penais contra Lula, por absoluta incompetência do juízo de Curitiba. Ato contínuo, com base nos artigos 21, inciso XI, e 22, parágrafo único, “b” do Regimento Interno do Supremo Tribunal Federal, decidiu levar a questão ao plenário da corte.

O artigo 22 autoriza o relator a submeter determinada matéria ao Pleno “quando, em razão da relevância da questão jurídica ou da necessidade de prevenir divergência entre as turmas, convier pronunciamento do plenário”. Houve também, na mesma linha, agravo da Procuradoria Geral da República. Já o artigo 21, inciso XI, infere que ao relator, no âmbito das suas

atribuições, compete remeter habeas corpus para julgamento ao plenário.

Tudo certo? Não. Na verdade, o regimento interno deve ser interpretado como um todo e não em fatias. Além disso o regimento interno não pode violar direitos fundamentais. Ou seja, o regimento também pode ser inconstitucional.

Quando uma questão pode ser remetida ao plenário? Quando o relator quiser? Não! Registre-se: o ministro Fachin decidiu no âmbito da segunda Turma, dizendo, inclusive, que todos os habeas corpus impetrados pela defesa de Lula restaram prejudicados. E como fez isso?

Aqui está o ponto fulcral. Fachin decidiu com base no artigo 192, do regimento, que diz: quando a matéria for objeto de jurisprudência consolidada do tribunal, o relator poderá des-

de logo denegar ou conceder a ordem, ainda que de ofício, à vista da documentação da petição inicial ou do teor das informações.

Isto é, parece bem evidente que invocar o artigo 192 e depois afetar o julgamento ao plenário é absolutamente contraditório. Se o julgador entendeu por bem não levar à discussão sequer à turma, julgando-o monocraticamente, por que o submeterá ao plenário com fulcro no artigo 22?

Na verdade, o artigo 22 só tem sentido se for entendido como sendo um dispositivo que busca o *full bench* (plenário, banca cheia). Essa é a leitura constitucionalmente adequada do dispositivo. O regimento interno não pode travestir uma afetação ao plenário em recurso de ofício da turma para o plenário. Ou julga na turma ou julga direto no plenário.



Foto: Divulgação

O advogado Marco Aurélio Carvalho questiona fundamento jurídico

Ora, se o ministro somente pôde decidir porque a matéria estava consolidada, por que, depois, usando o mesmo argumento, quer levar para o plenário? Estamos diante de um *venire contra factum proprium* hermenêutico.

Assim, em dez pontos, buscaremos demonstrar a interpretação adequada à Constituição dos citados dispositivos do regimento interno:

1. É contraditório remeter ao plenário discussão sobre habeas corpus decidido monocraticamente com base no permissivo do artigo 192 do regimento interno do STF;

2. Isso porque se está a levar ao plenário matéria pacificada (uma das causas para remeter o julgamento ao pleno seria justamente a divergência de entendimento entre as turmas).

3. Há na intenção do ministro Fachin uma contradição, porque, primeiro, decide monocraticamente o HC em razão da consolidação do tema dentro do tribunal (este é o exato teor do dispositivo do regimento interno) e, na sequência, quer levar o tema ao ple-

FACHIN DEVERIA TER SUBMETIDO O HABEAS CORPUS DIRETAMENTE AO PLENÁRIO ANTES DE DECIDIR SOZINHO

nário, tendo por fundamento o contrário do que diz o dispositivo do regimento que lhe autorizou a decidir o writ.

4. O recurso da PGR torna a questão mais estranha ainda, porque o MP está recorrendo de *habeas corpus*. Mas ele não é parte em HC. Aqui vem a questão do papel do MP, que não deve fazer um agir estratégico. Nesse sentido, um interessante acórdão do STF (HC 69.889/ES - relator ministro Celso de Mello). Aqui também

vale visitar os argumentos constante no voto do ministro Gilmar na ADPF 758.

5. Interpretar a lei não é como estar um rio em que se pode escolher a margem para acampar. Há sempre um “mínimo é” nos textos. A leitura a ser feita do regimento, no caso do artigo 22, deve levar em conta o caráter *per saltum*, que é sempre prévio e jamais para, via *full bench* (banca cheia - reserva de plenário) servir de via oblíqua recursal.

6. Para não existir essa “escolha de margem”, parece razoável afirmar que ou se é julgado pela Turma (se há decisão monocrática, deve continuar o julgamento na Turma) ou se é julgado, desde logo - porque a questão se enquadra no artigo 22, pelo plenário. Não nos dois.

7. Isto porque o poder de o relator afetar o plenário tem de ter limites, que deve ser buscado no bojo das arguições de inconstitucionalidade, que tratam do *full bench*. Isto é, o relator pode levar o tema ao plenário basicamente para obter maioria qualificada da arguição de inconstitucionalidade, revogação de decisão vinculante que exige essa mesma maioria ou prevenir discordâncias entre turmas. Tanto é que somente pode decidir monocraticamente nos termos do artigo 192. Se o regimento interno permite que o relator faça escolhas, discricionariamente, a resposta é simples: o regimento interno nesse ponto é inconstitucional, por conceder ao relator poder sem controle, absoluto - e na democracia, ninguém tem poder desse jaez. Assim, lembremos: as “atribuições do relator” não podem ser lidas isoladamente. Deve-se analisar o regimento interno em sua totalidade. O teor do artigo 21, inciso XI, não possui a expressão “se for o caso”. No entanto, é assim que deve ser lido.

8. Constitucional e processualmente, Fachin deveria ter submetido o habeas corpus diretamente ao plenário antes de decidir monocraticamente. Se ele decidiu monocraticamente, assinou a confissão de que não era caso de plenário. Parece elementar essa conclusão.

9. Por isso, o regimento interno deve ser interpretado conforme a Constituição. Explicando: Se o inciso IX do artigo 21 contivesse a expressão “quando for o caso”, poder-se-ia aceitar, com boa fundamentação, a remessa. Mas sempre per saltum, é claro. Antes. E não depois de decisão monocrática. Isto porque parece claro que o artigo 21 é procedimental. Ou seja, relator envia quando for o caso. E os casos estão dispostos no artigo 22, parágrafo único, alíneas a e b (divergência ou relevância do tema). Entender diferentemente é assentar que a

definição do juiz natural deixará de ser exsurgente da lei e se converterá em escolha subjetiva do Relator – e isso é – será inconstitucional.

10. Desse modo, a interpretação que se deve conferir ao inciso IX do artigo 21 do regimento interno é justamente no sentido de que o relator envia ao plenário quando houver essas duas hipóteses. E se essas duas hipóteses, de fato, estivessem presentes no caso do HC da competência, Fachin não teria julgado monocraticamente nos moldes do 192. *Tertius non datur*. Ou Fachin errou em ter julgado monocraticamente ou não é caso

de plenário. Como o Fachin não poderá consertar o erro, não é caso de plenário. Além do mais, a suspeição, já firmada sua competência no âmbito da segunda turma, é mais abrangente do que a incompetência do juízo.

OU FACHIN ERROU
EM TER JULGADO
DE MANEIRA
MONOCRÁTICA OU
NÃO É CASO DE
PLENÁRIO. E NÃO É
CASO DE PLENÁRIO

LAVA JATO ESCONDEU DOCUMENTOS DA DEFESA DE LULA

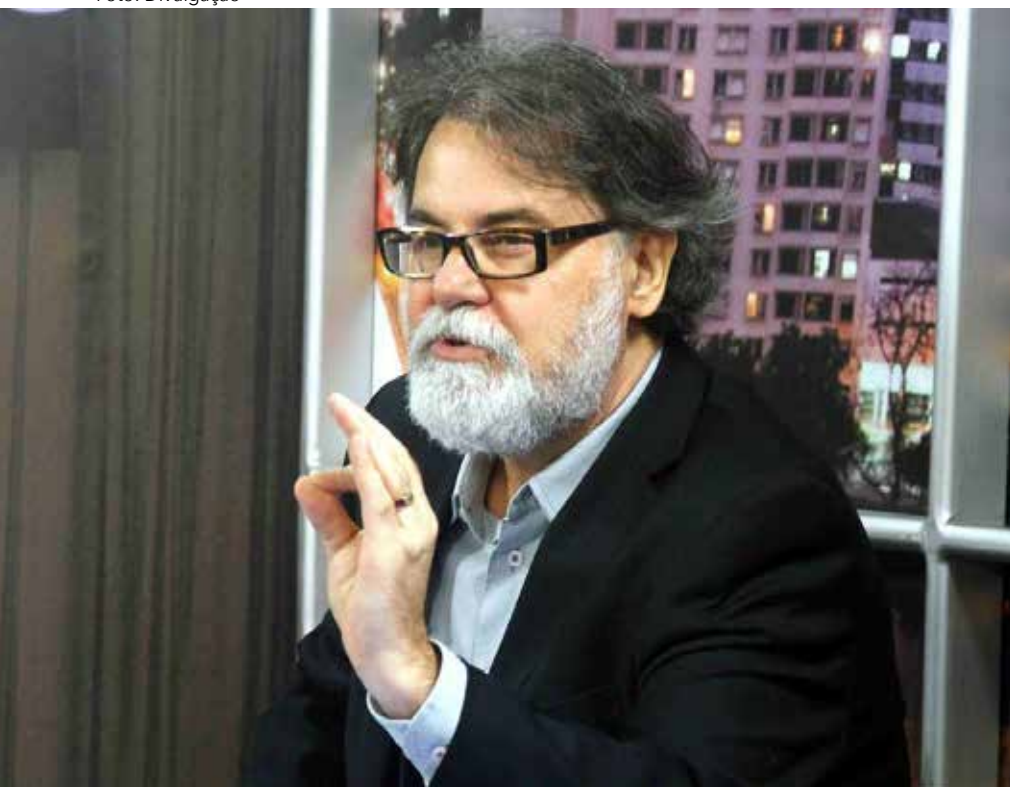
Decisão proferida pelo juiz Luiz Antonio Bonat, que substituiu Sergio Moro na 13ª Vara Federal Criminal de Curitiba, reconhece que documentos relacionados aos acordos de leniência da empresa Odebrecht no exterior foram mantidos em segredo pela Lava Jato. Dessa forma, a força-tarefa de Curitiba impediu que a defesa de Lula pudesse acessar esses documentos, o que representou impedimento à ampla defesa.

Em petição encaminhada na quinta-feira, 18, ao Supremo Tribunal Federal (STF), os advogados de Lula destacam alguns trechos da decisão de Bonat, proferida no dia 16 e que tem relação com o envio das ações contra o ex-presidente à Justiça Federal em Brasília, conforme decisão do ministro Edson Fachin.

Afirma Bonat: “Os acordos firmados pela empreiteira com as autoridades de tais países são autônomos entre si, não dependentes, e não foram celebrados a pedido de um ou de outro país”. Em outro trecho: “Quanto aos pedidos de cooperação jurídica internacional FTLJ 40/2015, FTLJ 86/2016, FTLJ 118/2016 e 145/2017, deverá o MPF distribuí-los em procedimento sigiloso perante este juízo, afim de que se possa analisar o seu objeto e se estão vinculados a outros casos perante a 13ª Vara Federal de Curitiba”.

Como explicam a defesa de Lula, Bonat reconhece, assim, tanto “a realização de cooperação informal, fora dos canais oficiais previstos” quanto “a existência de procedimentos de gaveta em posse de procuradores da extinta Lava Jato de Curitiba”.

Foto: Divulgação





Desamparo na fila da Caixa. Pesquisa do instituto Locomotiva aponta a queda de 50% da renda das famílias de comunidades e a redução no número e na qualidade das refeições de milhões de brasileiros.

PAÍS ASSISTE AO DESMONTE DO ESTADO

Levantamento do DataFavela mostra que quase 70% dos moradores das comunidades enfrentam ao menos um dia sem recursos para comer. Neste cenário desolador, todos esperavam que o governo apresentasse medidas para enfrentar a emergência. A PEC está tirando dinheiro dos pobres

por Tereza Campello *

A pelidade de forma desonesta de PEC emergencial, a PEC 186 é a prova da completa irresponsabilidade e descompromisso do governo Bolsonaro, da maioria do parlamento brasileiro e das nossas elites com a emergência sanitária, social e econômica que vem varrendo o país há um ano.

O Brasil enfrenta neste março, um ano após os primeiros casos, o pior momento da pandemia de Covid-19. Ao longo deste período, assistimos países em diferentes estágios de desenvolvimento, alguns com muito menos acúmulo que o Brasil, construir soluções eficientes que salvaram vidas e a economia.

Nossos mandatários nada aprenderam. Testemunhamos cientistas brasileiros e em todos os continentes se somarem, partilharem conhecimento para enfrentar o sofrimento e a doença e, num prazo inédito, disponibilizar mais de uma dezena de imunizantes. O governo brasileiro seguiu cego.

Como resultado da imperícia e da gestão genocida da crise, Bolsonaro e seus aliados colecionam indicadores piores que há um ano. O desemprego bateu taxas inéditas, aumentando de 12 para 14 milhões. É grave a crise. Somados aos 24 milhões que gostariam de trabalhar, mas não buscam emprego por conta da pandemia ou algum motivo relacionado, o país tem entre 20% e 30% de taxa de desemprego potencial.

A pobreza e a fome aumentaram a patamares dramáticos com o fim do auxílio emergencial, a partir de janeiro de 2021. Dados divulgados pelo DataFavela, em parceria com o Instituto Locomotiva e a Central Única das Favelas (CUFA) dão conta de que quase 70% dos moradores das comunidades enfrentaram ao menos um dia sem recursos para comer,

nas duas semanas anteriores ao levantamento. A pesquisa aponta ainda a queda de 50% da renda das famílias e a redução no número e na qualidade das refeições de milhões de brasileiros.

Neste cenário desolador, todos esperavam que o governo apresentasse medidas para enfrentar a emergência. Foi com este o espírito que se esperou a PEC 186. Mas ela tratava de muitas coisas, exceto da crise do Covid-19.

Nota da bancada do PT no

Foto: Gustavo Bezerra



**“A POBREZA
E A FOME
AUMENTARAM
A PATAMARES
DRAMÁTICOS COM
O FIM DO AUXÍLIO
EMERGENCIAL,
DESDE JANEIRO”**

Congresso faz bom resumo da nefasta proposta de emenda constitucional: “A PEC desestrutura mecanismos estratégicos do Estado brasileiro ao autorizar privatizações e congelamento de salários, inclusive do salário-mínimo, e ao retirar recursos de fundos financiadores de políticas públicas essenciais ao país, como as áreas de saúde, educação e segurança. A PEC penaliza os serviços públicos e a população, em benefício dos bancos e do sistema financeiro”.

Para ser tratada como PEC emergencial, a medida teria que no mínimo:

1) *Viabilizar proteção de renda. A PEC sequer apresenta uma proposta para o auxílio emergencial. O que ela faz é fixar um limite para impedir, em dispositivo constitucional, que se gaste o necessário para salvar a população. O resultado da PEC neste caso será um auxílio emergencial que não compra nem metade da cesta básica, no período de quatro meses, e para a metade das famílias que precisariam ser socorridas.*

2) *Assegurar condições para a vacinação universal e rápida do povo.*

3) *Garantir recursos emergenciais para leitos de UTIs e equipes de saúde para atender população.*

4) *Criar salvaguardas para que os empregos ainda preservados sejam poupados.*

5) *Apoiar micro, pequenas e médias empresas que ainda resistem.*

Todas estas são medidas básicas acionadas por países em todo o mundo, independente do perfil ideológico. Nenhuma delas consta da falsa PEC emergencial.

Mais uma vez o governo tira vantagem, se aproveita da tragédia para avançar na sua agenda de destruição de direitos. É um crime contra o povo brasileiro.

* Economista, é ex-ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome no governo Dilma Rousseff (2011-2016).

A young Black woman with dark hair is looking directly at the camera with a serious expression. She is wearing a black top with white polka dots and a pink lace-trimmed strap. She holds a knife in her right hand and a piece of food, possibly a slice of bread or fruit, in her left hand. In the foreground, a large, shallow metal pot is visible, partially filled with a light-colored substance. The background is slightly blurred, showing a white cloth with a pattern.

A FOME COMO ESTRATÉGIA DE CONTROLE DA INFLAÇÃO DOS ALIMENTOS

Na busca obstinada em atender os setores exportadores, Bolsonaro ignora por completo as necessidades do abastecimento alimentar do povo brasileiro. Não há um único produto da dieta básica da população com volume de estoques suficientes e capaz de atender a um dia do respectivo nível de consumo

por Gerson Teixeira

Em 11 de março de 2021, quando o IBGE divulgou os resultados do IPCA de fevereiro, o *Jornal Nacional* da Rede Globo veiculou matéria sobre a inflação dos alimentos no Brasil. Ao tempo em que destacou as taxas “estratosféricas” da alta da comida no país, a matéria relativizou o fenômeno, caracterizando-o como de escala mundial.

Ainda que algumas tensões nos preços dos alimentos tenham sido observadas no planeta em 2020 pelos efeitos de uma maior demanda alimentar com os períodos de confinamento, combinados com medidas de amparo financeiro às populações vulneráveis, não há nada que se aproxime ao observado no Brasil.

Na realidade, na América Latina, os países com maiores altas da inflação de alimentos e índices gerais de preços foram a Venezuela e Argentina. Em ambos os casos, fenômenos antigos, essencialmente derivados de desarranjos estruturais agravados por fatores conjunturais.

O caso da Venezuela é mais antigo e conhecido. Na Argentina a inflação de dois dígitos remonta a 2010. O atual governo conseguiu reduzi-la de 53,8%, em 2019, para 36,1% em 2020. De todo modo, a inflação dos alimentos lá foi de 43,8% em 2020. Um ‘ponto fora da curva’ que, segundo o site *agrositio.com*, “responde a numerosas causas conjunturais e estruturais que são muito mais complexas do que o mero aumento dos preços internacionais de grãos”. O gráfico ao lado retrata as taxas da inflação dos alimentos no Brasil e países selecionados.

Há uma diversidade de fatores que impulsionaram a inflação da comida em 2020, que atinge de forma cruel os mais pobres. Destaco a irresponsabilidade do governo Bolsonaro que, na obstinação de atender os setores exporta-

A SAÍDA DO GOVERNO PARA ENFRENTAR OS PREÇOS ALTOS VEM DA PIOR FORMA: A QUEDA DO CONSUMO

dores, ignora as necessidades do abastecimento alimentar do país. Não há um único produto estratégico da dieta básica da população com volume de estoques capaz de atender a um dia de consumo.

‘Especialistas do mercado’ responsabilizam pela carestia o aumento dos preços das *commodities* e o câmbio. As exportações de arroz se mantiveram em 1 milhão de toneladas em 2019 e 2020 – portanto, marginais no mercado internacional. Mas a inflação do produto foi de 76% em 2020.

As vendas externas de feijão não existem e a inflação do produto foi de 68%. O fato é que para

vários produtos essenciais não temos produção capaz de garantir a demanda potencial de alimentos.

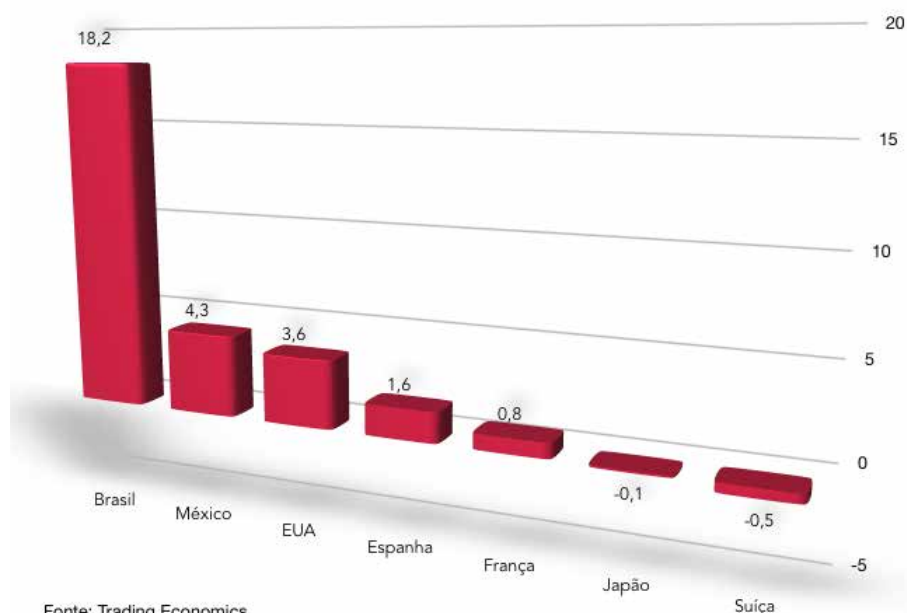
Com oferta comprometida por produção insuficiente, estoques públicos inexistentes e dificuldades de importações, parece que a estratégia do governo para enfrentar os preços altos vem da pior forma: a queda do consumo derivado do fim, ou do corte raso no auxílio emergencial.

Não por outra razão, o IPCA de fevereiro da ‘alimentação em casa’, foi de 0,28%. É significativamente menor que o de janeiro (1,06%), ainda que no acumulado dos 12 meses a inflação da comida tenha alcançado 19,4%.

Vale destacar que segundo a Pesquisa de Orçamentos Familiares do IBGE, anterior à pandemia, os pobres destinavam 28% da renda à alimentação. Seguramente os dados já dramáticos regrediram para a catástrofe. Portanto, em meio a tanto infortúnio, não se enxerga qualquer ação virtuosa do governo para enfrentar o fenômeno da inflação dos alimentos. A estratégia parecer ser a do combate à carestia pelo aumento da fome!

* Integrante da coordenação do Núcleo de Acompanhamento de Políticas Públicas (NAPP) Agrário da Fundação Perseu Abramo.

INFLAÇÃO DOS ALIMENTOS





NELSON BARBOSA: "PEC prevê criação de meta fiscal e dívida pública, sem equacionar problemas gerados pelas três restrições já em vigor: regra de ouro, meta de resultado primário e teto de gasto".

A REFORMA FISCAL DE 2023

O governo ignorou a sugestão do PT, que apresentou em 2020 a PEC 36 autorizando o Executivo a destinar mais recursos para o combate à pandemia. Agora, nos deparamos com PIB em queda, inflação em alta e aceleração no número de vítimas da pandemia

por Nelson Barbosa *

O Congresso aprovou a Proposta de Emenda Constitucional Emergencial – a PEC 186 –, criando gatilhos para conter a despesa do governo com pessoal quando o gasto obrigatório for “excessivo” (acima de 95% do gasto primário total).

A mudança constitucional também prevê a criação de mais uma meta fiscal, de dívida pública, sem equacionar os problemas gerados pelas três restrições já em vigor: regra de ouro (limite para emissão de dívida), meta de resultado primário e teto de gasto.

Em vez de dar a flexibilidade necessária para o Estado combater a crise da Covid, optou-se por amarrar mais a ação do governo, atual e futuro, em troca de um gasto de apenas R\$ 44 bilhões com o novo auxílio emergencial.

O gasto autorizado pela PEC emergencial é apenas 8,4% do total realizado em 2020, quando o Congresso forçou o governo a agir. Tudo indica que o valor aprovado será insuficiente para atenuar a crise, que está se agravando. Não precisava ser assim.

No ano passado, por iniciativa do PT, vários senadores propuseram uma medida alternativa, a PEC 36/2020, autorizando alocação de mais recursos no combate à pandemia, em 2021-22, acima das regras fiscais existentes.

A PEC 36/2020 previa quatro ações imediatas: nova rodada de auxílio emergencial, mais recursos para saúde e educação, reforço dos fundos garantidores de crédito para microempresas e recuperação do investimento público.

O governo ignorou a sugestão do PT. Agora nos deparamos com PIB em queda, inflação em alta e aceleração no número de vítimas da pandemia. Esse quadro reforça a necessidade de reforma de nossas regras fiscais, a partir de 2023, como também previa a PEC 36/2020.

EM VEZ DE DAR A FLEXIBILIDADE NECESSÁRIA PARA O ESTADO COMBATER A CRISE, OPTOU-SE POR AMARRAR MAIS AINDA A AÇÃO DO GOVERNO – ATUAL E FUTURO

Em vez de quatro metas fiscais, devemos ter um critério único, de meta de gasto público, com prazo de quatro anos, de modo a

respeitar a decisão dos eleitores.

A meta de gasto deve incluir limite para o crescimento da folha de pagamento, mas também permissão para expansão do investimento em programas essenciais para bem-estar da população, como saúde, educação e segurança pública.

A nova regra fiscal deve prever valor mínimo para investimento, em infraestrutura, preservação do meio ambiente e ciência e tecnologia, pois só assim será possível retomar o crescimento econômico de modo sustentado.

E seguindo o exemplo de vários países avançados, a nova regra fiscal deve conter cláusula de escape, isto é, flexibilização de restrições sobre algumas despesas em caso de grave recessão ou calamidade pública.

O PT tem propostas fiscais responsáveis e transparentes, para adoção imediata, ou a partir de 2023.

* Economista, é ex-ministro do Planejamento e ex-ministro da Fazenda no governo Dilma Rousseff (2011-2016).

Foto: Agência Brasil



VAI PIORAR. Seguindo Paulo Guedes, Congresso aprovou a PEC 186, cujo gasto é apenas 8,4% do total realizado em 2020. Tudo indica que o valor aprovado será insuficiente para atenuar a crise, que está se agravando

PEC DA VIDA, EU APOIO!

PEC apresentada pelas fundação ligadas ao PT, PSOL, PSB, PDT, PCdoB, PROS e Cidadania, inclui entre os crimes de responsabilidade do presidente da República ações que atentem contra a vida humana, por sabotagem ou omissão, em epidemias e pandemias

por Edmundo M. Oliveira*

Uma Proposta de Emenda Constitucional, apresentada por sete fundações partidárias ligadas ao PSOL, PSB, PDT, PCdoB, PT, PROS e Cidadania – na quinta-feira, 17, em *live* no canal do Observatório da Democracia, no YouTube, pode ser chamada desde já de PEC da Vida. Contra o governo da morte de Bolsonaro, é a saída factível e de via rápida. Uma saída centrada na defesa da vida, da integridade e do bem estar nacional. O desafio é brasileiro, mas a implicação é de escala global.

VIVEMOS UMA
PANDEMIA
DENTRO DA
PANDEMIA. O
BRASIL ESTÁ SE
TRANSFORMANDO
NUMA BOMBA
EPIDEMIOLÓGICA
GLOBAL

Os números da Organização Mundial de Saúde (OMS) retratam a tragédia. Na semana de 7 a 14 de março, as mortes por coronavírus caíram 3% no mundo, mas aumentaram 24% no Brasil. Respondemos agora por 21% das mortes globais.

As novas contaminações pela Covid-19 cresceram 10% no mundo, mas foram o dobro disso (20%) no Brasil. E, no entanto, nosso país tem apenas 2,7% da população mundial. A cepa originária da crise sanitária no Amazonas, a P1, oferece evidências de que a pan-

demia entrou em um novo patamar no Brasil. É mais do que uma “segunda onda”. Vivemos uma pandemia dentro da pandemia. O sistema de saúde colapsou.

O Brasil, diz a Justificativa da PEC da Vida, está se transformando numa bomba epidemiológica global. Esse desastre tem nome e sobrenome: Jair Messias Bolsonaro. Se ele não for removido da Presidência o quanto antes, poderemos superar a liderança dos EUA em mortes. Com Biden e o fim do negacionismo de Trump, a pandemia perdeu força por lá. As mortes caíram 24% entre 7 e 14 de março.

Bolsonaro mudou o seu ministro da Saúde para continuar sem nada mudar. Trocou a farda do general Pazuello pelo jaleco do cardiologista Queiroga, mas não mudou a política genocida, nem mudará. A perfídia é a sua natureza.

A perfídia de Bolsonaro consiste em jogar a conta para governadores e prefeitos. Ele mente sobre verbas distribuídas aos Estados; espalha suspeitas sobre corrupção; sabota a compra da vacina russa Sputnik V; segue atacando a China, como fez Pazuello ao deixar o Ministério, e investe contra medidas de isolamento social. Bolsonaro é muito mais do que a banalidade do mal. Bolsonaro é o mal absoluto.

Esta mensagem precisa ser dita ao povo de forma nítida, cristalina e unificada, com uma única voz emanada dos partidos de Oposição que ganhe apoio amplo no Congresso Nacional e na sociedade civil. A PEC da Vida deve ser apresentada em esforço partidário comum nos próximos dias. Uma campanha de massa deve ser aberta nas redes sociais, nos parlamentos e em todos os cantos.

#PEC da Vida, Eu Apoio!
#Fora Bolsonaro!

* Jornalista, é consultor e assessor da bancada estadual de deputados do PT-SP



Plano de reconstrução e transformação do Brasil

OUTRO MUNDO
É PRECISO
OUTRO BRASIL
É NECESSÁRIO



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

Documento histórico, o Plano de Reconstrução e Transformação do Brasil tem como objetivo fortalecer a democracia e recolocar o Estado a serviço do país e do povo. O PT e a Fundação Perseu Abramo propõem a adoção de medidas econômicas de emergência e de longo prazo, com a recuperação de direitos dos trabalhadores e a retomada da soberania nacional.

O texto está disponível no site da Fundação Perseu Abramo: <http://fpabramo.org.br>.

EU APOIO A SUSPEIÇÃO DO MORO

#LULALIVRE #ANULASTF

Gilberto Gil, Elza Soares, Caetano Veloso, Emicida,
Zeca Pagodinho, Criolo, Chico Buarque, Daniela Mercury
e mais de 400 personalidades assinam Carta ao STF



Pela suspeição do ex-juiz Sérgio Moro